

revista alere

artigo

**CUIDANDO DOS MONSTROS
DO ANTROPOCENO:
NOVAS PERSPECTIVAS
PARA OUTROS FUTUROS
POSSÍVEIS EM *BORNE*, DE
JEFF VANDERMEER
*TAKING CARE OF THE
MONSTERS OF THE
ANTHROPOCENE: NEW
PERSPECTIVES FOR OTHER
POSSIBLE FUTURES IN
BORNE, BY JEFF VANDERMER***

Marina Pereira Penteadó (UFF)¹

¹ Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense e pós-doutoranda no PPG de Estudos de Literatura da mesma universidade. Niterói-RJ, Brasil. E-mail: mahhhp@gmail.com

Resumo: Este artigo propõe uma análise do romance *Borne* (2017), de Jeff VanderMeer, a partir de uma discussão sobre o cuidado e suas relações com as discussões recentes sobre Antropoceno, principalmente as que lidam com monstruosidade e com a criação de possibilidades de vida em meio às ruínas. A partir de uma narrativa sobre um mundo devastado e controlado por uma corporação já praticamente falida, *Borne* conta a história de uma imigrante, Rachel, e de uma criação biogenética monstruosa encontrada por ela. O presente trabalho busca discutir as relações entre protagonista e criatura a fim de compreender como as possibilidades humanas e não humanas de companhia e de cuidado podem ser percebidas como uma forma de resistência para criações de outros futuros possíveis.

Palavras-chave: Utopias possíveis; Cuidado; Ficção Climática; Antropoceno; Monstruosidade.

Abstract: This paper aims to analyze Jeff VanderMeer's novel *Borne* (2017) while establishing a discussion with the idea of care and its relation to the studies about the Anthropocene, more specifically the ones that deal with monstrosity and with the possibilities of life in the ruins of capitalism. *Borne* narrates the story of an immigrant, Rachel, and of a monstrous piece of biotech that she finds in the ruins of a nameless city destroyed by a corporation that used to rule the town. Taking into account the relationship between the narrator and the creature, this paper aims to understand how the human and non-human possibilities of company and care can be perceived as a transgressive action to the making of other possible futures.

Keywords: Possible utopias; Care; Climate Fiction; Anthropocene; Monstrosity.

Bruno Latour, no artigo “Love Your Monsters”, cita *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, como uma parábola para falar sobre ecologia política e observa que “[o] crime do dr. Frankenstein não foi o de ter inventado uma criatura a partir

de uma combinação de *hubris* e alta tecnologia, mas o de ter abandonado a criatura a sua própria sorte”² (LATOURE, 2012, s/p). A partir dessa reflexão, Latour desenvolve seu argumento sobre o objetivo da ecologia política não ser de parar qualquer tipo de inovação, mas de ter comprometimento com o que está sendo concebido. Desta forma, Latour levanta a questão da responsabilidade com o que é criado e abre espaço para a discussão da própria questão do cuidado, algo que ele não vai desenvolver muito no artigo citado, mas que é um assunto explorado há muitos anos pela crítica feminista – e também para além dela (BELLACASA, 2017, p. 2). Assunto que surge no título deste trabalho e sobre o qual me proponho a pensar a partir de uma leitura do livro *Borne* (2017), de Jeff VanderMeer, e do que María Puig de la Bellacasa (2017, p. 2) levanta sobre o cuidado ser um problema humano, mas que, no entanto, não é uma questão apenas humana.

Longe de conceber o cuidado como uma questão moralista ou idealizada, e sabendo que o tema não pode ser abordado de forma inocente, mas aceitando as várias camadas que o conceito carrega, Bellacasa expande o pensamento sobre o assunto ao “mover a investigação dos seus significados para um terreno na maior parte não mapeado: o que aborda o significado de cuidado para saber (*knowing*) e pensar (*thinking*) com mundos mais que humano” (2017, p. 12). Partindo da proposição de Donna Haraway em “Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial” (1995), Bellacasa explica, em suas reflexões sobre o tema, que pensar em termos de saberes localizados significa que “saber e pensar são inconcebíveis sem a multidão de relações que também tornam possíveis os mundos com os quais pensamos” (2012, p. 198). A premissa do argumento dela é, desta forma, que relações de saber e pensamento requerem cuidado. O que implica também que, embora essa prática seja muitas vezes vista com descaso – em grande medida, pelo fato de recair, geralmente, em cima das mulheres³ –, tudo que tem sua

2 Todas as traduções são de responsabilidade da autora do texto.

3 Ver Federici, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

existência continuada é aquilo que, de alguma forma, é cuidado.

Como espero destacar por meio da leitura do romance de VanderMeer, em tempos precários como os nossos, as considerações sobre cuidado de Bellacasa parecem trazer novas possibilidades de vida no Antropoceno –, época essa que, vale lembrar, ainda aguarda uma votação em 2022 para ser reconhecida oficialmente pela Comissão Internacional de Estratigrafia (CIE). No entanto, o termo em si, cunhado por Cruzten e Stoermer (2000), pode ser remontado até o século XIX para compreendermos suas raízes, com a obra *Man and Nature* (1864), de George Perkins Marsh – que foca no caráter antropogênico das mudanças climáticas – e com a proposta do geólogo italiano Antonio Stoppani, de uma era Antropozóica, para abordar o período dessa mudança (ZALASIEWICZ et al., 2011, p. 835). Não obstante, é no início dos anos 2000 que a palavra Antropoceno ficou popular através de estudos nas áreas de geologia e das ciências do sistema da terra que defendiam que o impacto humano na atmosfera terrestre havia sido tão intenso e transformador que havíamos saído do Holoceno e entrado no Antropoceno. Ainda na mesma década, o termo saí das ciências exatas e da terra e envereda pelas ciências humanas (CHAKRABARTY, 2009), onde começa a levantar questões tais como a problemática da nomenclatura focar no “antropos” (CRIST, 2013), a questionar os reais responsáveis pelas mudanças climáticas que vivenciamos – a saber, o capitalismo – (MALM, 2016; MOORE, 2016), a focar na necessidade de pensar a raça na discussão do Antropoceno (YUSOFF, 2018) e até mesmo a pensar não apenas em termos do impacto dos humanos e do capital na Terra, mas na ramificação de seres humanos e não humanos que compõem a vida terrestre e influenciam nas modificações que presenciamos hoje (HARAWAY, 2016).

Essa última crítica citada, que evidencia também os seres não humanos, será importante para o que me proponho a discutir aqui, uma vez que, além do pensamento de Haraway se encontrar na base das discussões filosóficas sobre o cuidado de María Puig de Bellacasa, ele também abre um diálogo com a obra escolhida de Jeff VanderMeer para abordar a questão proposta

neste artigo. *Borne*, ao focar nas relações entre humanos e não humanos, lida com essa questão através da figura monstruosa da criatura que dá nome ao romance, produzida por uma corporação que é indicada como uma das grandes responsáveis pelo desastre econômico, político e ambiental da narrativa. Desdobramento que expõe o fato de as monstruosidades criadas pelo Antropoceno não serem responsabilidades de todos, mas de um grupo muito pequeno que detém os meios de produção – e que na maior parte das vezes nem precisa lidar com o problema deixado por eles mesmos.

Com o foco em um elenco que habita os arredores do complexo industrial abandonado, composto por uma narradora mulher e imigrante, por negros, antigos empregados da corporação e por personagens não humanos, *Borne* é todo ambientado em uma cidade sem nome em um futuro próximo, onde se encontram as ruínas da empresa de biotecnologia chamada apenas de “A companhia”. O romance explora a relação da narradora, Rachel, e de um pedaço de biotecnologia que ela vai chamar de Borne, uma criatura que muda de aparência, mas que sua forma predominante no romance acaba sendo a de um monstro com vários olhos e tentáculos. Forma essa que, em grande medida, reflete o exterior hostil daquela cidade onde o ar e o rio são poluídos e onde o que sobrevive é o que se adapta às novas condições ambientais.

A relação “maternal” – nas palavras da própria narradora – que Rachel desenvolve com esse monstro abre uma discussão sobre possibilidades de criarmos novas alianças e também para a reflexão sobre a prática do cuidado. Sabemos que Rachel “nasceu numa ilha que desapareceu não por causa de guerras ou doenças, mas por causa do aumento do nível do mar” (VANDERMEER, 2017, p. 38), que a cidade é atacada por chuvas esparsas que eram como veneno (VANDERMEER, 2017, p. 16), que esse lugar também apresenta altos níveis químicos no ar (VANDERMEER, 2017, p. 59) e, a partir dessas condições, sabemos que animais e plantas mutaram e se transformaram em coisas como: “líquen da companhia” (*company lichen*) e “animal tipo cachorro”

(*doglike animal*), entre outras novas espécies que vão aparecer no bestiário que se encontra no final do romance. Para além da hostilidade do próprio local, Rachel e os outros personagens ainda são ameaçados por crianças “ferozes”, criaturas como um urso gigante, uma espécie de bruxa, chamada Magician – que luta contra esse urso, chamado de Mord, pelo controle da cidade –, e em meio a todo desespero que é sobreviver naquele lugar, a presença de Borne parece mostrar a Rachel uma outra forma de ver o mundo. De acordo com ela, Borne:

[...] não sabia que tudo era mortal, venenoso, verdadeiramente nojento. Talvez não fosse, para ele. Talvez ele pudesse ter nadado naquele rio e saído ileso. Talvez eu tivesse me dado conta que eu tinha começado a amar ele, por ele não ver o mundo como eu via. Por ele não ver as armadilhas. Por ele me fazer repensar até mesmo palavras simples como nojento e bonito. (VANDERMEER, 2017, p. 56)

Como Stephen Asma observa, a palavra monstro “vem do latim *monstrum* que, por sua vez, vem da raiz *monere* (avisar)”, logo, para ele, “ser um monstro é ser um presságio” (ASMA, 2009, p. 13), e Borne assume esse papel na narrativa de Rachel quando ela aprende a ver o mundo sob um outro prisma a partir da relação de ambos e, por consequência, consegue pensar em um futuro naquele universo devastado. Outro pesquisador do assunto, W. Scott Poole (2018), ao analisar o conceito de “excepcionalismo americano” que está na base da construção discursiva dos Estados Unidos, nota que a noção de ter um papel especial/único no mundo fez muitas vezes com que o país ignorasse o passado de genocídio, colonialismo e escravidão, criando uma imagem ingênua de que eles estão livres dos terrores da história (POOLE, 2018, p. 23). No entanto, para o pesquisador, “falhar em reconhecer os monstros é parte do ato de criá-los” (POOLE, 2018, p. 23), pois se recusar a reconhecê-los não faz com que eles magicamente desapareçam. É é nesse ponto que *Borne* surge como uma construção interessante a ser analisada, pois ao mesmo tempo que ele nos lembra que o

excepcionalismo estadunidense foi um dos grandes responsáveis pelas atrocidades ambientais e climáticas sem precedentes que assombram os personagens, ele também suscita, através de sua relação com Rachel, uma discussão sobre companheirismo entre espécies e a importância do cuidado na construção de outros mundos possíveis.

O monstro no romance de VanderMeer, ao mesmo tempo que marca a diferença e traz nessa diferença a ideia de ameaça, é também quem mostra a Rachel outras possibilidades de vida. Ele oferece uma espécie de alternativa para o universo distópico e para a narrativa de “fim” a que estamos habituados. No entanto, essa possibilidade só se desenvolve a partir da atitude de Rachel de o adotar e cuidar como se fosse parte de sua família, passando as crenças e conhecimentos que seus pais lhe haviam passado e estabelecendo uma relação mútua de cuidado com a criatura. Tal prática, em *Borne*, não surge de maneira idealizada e em busca de conforto ou recompensa, mas levando em consideração as implicações éticas e afetivas que irão proporcionar a parceria entre humano e não humano que, por sua vez, em muito dialogam com o que Bellacasa defende ao falar sobre uma “uma visão feminista do cuidado”, que não deve “ser baseada em uma busca por um mundo tranquilo e harmonioso, mas em fazeres práticos diários ético-afetivos que se comprometam com os inevitáveis incômodos das existências interdependentes.” (BELLACASA, 2012, p. 199).

Baseado em uma concepção de cuidado como uma necessidade ontológica de mundos relacionais e partindo da ideia de Haraway (1995) de que criar conhecimentos é uma prática relacional com importantes consequências para dar forma a mundos possíveis, Bellacasa (2012, p. 199) busca novos desafios para a noção de cuidado e explora o que a prática de formas não moralistas de cuidar significam para as práticas de saber (*knowing*) e pensar (*thinking*). Para isso, ela reflete sobre noções como pensar-com (*thinking-with*), discordar-com (*dissenting-within*) e pensar-para/por (*thinking-for*) como três atitudes de cuidado, nas quais ela vai levar em consideração as

noções de mundos habitados por várias coisas, seres e pessoas (BELLACASA, 2012, p. 199), no cuidado não ser uma categoria que exclui o conflito (BELLACASA, 2012, p. 205) e no que significa se colocar como porta-voz para algo/alguém (BELLACASA, 2012, p. 208). Questões importantes para a discussão que me proponho aqui e que refletem a prática de Rachel e Borne, que implica que o cuidado tem a ver com o cotidiano, com algo feito todos os dias e que, muitas vezes, nem é bom ou agradável de se fazer, mas que, no entanto, faz parte do que devemos cultivar se quisermos manter os mundos que importam para a gente.

A relação de cuidado entre Borne e Rachel – que acaba se mostrando mútua conforme Borne cresce – mostra para a narradora que cuidar tem um sentido ontológico, já que a própria existência depende de redes e práticas de cuidado. É através da relação entre ambos que Rachel desperta do presente sem cor de sobrevivente daquele mundo devastado para uma existência que comporta uma espécie de enclave utópico. No final da narrativa, após Borne salvar Rachel e, por consequência, a cidade, do terrorismo de Mord, ele assume novamente a forma que tinha no início da narrativa e ela, ao percebê-lo fraco, o leva para casa e volta a cuidar dele como se fosse uma espécie de planta. Contudo, além de Borne, agora ela ainda se dedica a cuidar de outras crianças que habitam os apartamentos próximos ao seu no Balcony Cliffs – inclusive criando um menino chamado Teems, que é autor do bestiário que encerra o romance, que a considera uma “mãe” (VENDERMEER, 2017, p. 327). Com esse desdobramento da narrativa, Rachel parece compreender que é preciso cuidar dos mundos que queremos e pensar em mundos mais cuidadosos como forma de viver e morrer bem no Antropoceno. Ideia que, de certa maneira, se relaciona a proposta de fazer parentes (*make kin*), de Donna Haraway, da forma como desenvolvida em um capítulo intitulado “*Sowing Worlds*”, de *Staying with the Trouble* (2016), no qual ela vai defender que uma das formas de semear mundos é justamente através da prática de fazer parentes, ou seja, a partir de práticas de afeto e cuidado é que é possível pensar em termos de continuidade da espécie humana.

Como forma de desenvolver a ideia de continuidade, Haraway ainda propõe, no mesmo livro, seu *Cthuluceno*, a partir da reflexão sobre a inviabilidade de manter o excepcionalismo humano e o individualismo e da problemática que o termo Antropoceno apresenta, expondo o fato de que a ideia de *antropos* não dá conta do problema. Seu *Cthuluceno* é inspirado na mitologia grega, nos seres tentaculares e:

Diferentemente do Antropoceno e do Capitaloceno, o *Cthuluceno* é feito de histórias multiespécies em desenvolvimento e práticas de *tornar-se-com* em tempos que seguem em risco, em tempos precários nos quais o mundo não terminou e o céu – ainda – não caiu. (HARAWAY, 2016, p. 55)

Desta forma, o *Cthuluceno* não fala apenas de um tempo futuro, do que viria após o Holoceno, mas também do presente e de um passado que já vivemos. Para isso, Haraway escolhe um nome que abranja as dinâmicas de força e poderes sim-ctônicas em curso, “das quais as pessoas são uma parte, dentro das quais esse processo está em jogo” (HARAWAY, 2016, p. 140). Para a filósofa, uma maneira de viver e morrer bem nos nossos tempos é unindo forças justamente entre humanos e não humanos, “para reconstruir refúgios, para tornar possível uma parcial e robusta recuperação e recomposição” (HARAWAY, 2016, p. 141). E para além da semelhança entre a imagem que *Cthuluceno* evoca e a aparência tentacular de *Borne*, o personagem que dá nome ao romance também abraça esse apelo pela continuidade, uma vez que a criatura absorve organismos, animais, pessoas e objetos a sua volta sem que qualquer uma dessas coisas desapareça. Tudo que é absorvido apenas se torna parte do que ele é. *Borne* nem mesmo morre após derrotar *Mord*, como *Rachel* a princípio imagina, ele parece apenas se transformar novamente em um organismo semelhante ao que ele era quando foi encontrado no início do romance e segue sua vida de outra forma, agora como uma espécie de planta. Transformação que carrega uma simbologia interessante para a própria discussão sobre cuidado,

se pensarmos no que uma planta doméstica – como é o caso de Borne, que volta a morar na varanda de Rachel e se alimenta da luz solar – demanda de quem a mantém.

Rachel, no passado, havia cuidado de Borne, ensinado “rituais, valores e conhecimentos” que seus pais haviam passado na tentativa de a prepararem “para um futuro esperançoso” (VANDERMEER, 2017, p. 141), transformando a criatura em parte da família. Contudo, isso não significa que a relação deles tenha saído em algum momento dos limites distópicos do universo pós-apocalíptico da diegese: a forma monstruosa e a procedência de Borne seguem durante todo o romance sendo uma possível ameaça a Rachel, por ela não saber com qual motivo ele havia sido criado pela Companhia e por não compreender sua forma de funcionar no mundo, absorvendo objetos, animais, pessoas, etc. Apesar disso, Rachel começa a pensar em Borne como uma espécie companheira e, inclusive, mesmo com sentimentos conflitantes em relação a criatura, volta a cuidar dela após a morte de Mord, deixando claro desta vez que só continuaria caso ele não se tornasse uma ameaça: “[c]oloquei ele na nossa varanda em um lugar visível para Wick e prometi a mim mesma que se Borne crescesse um dia, se ele voltasse a falar, eu daria um fim nele” (VANDERMEER, 2017, p. 322). Como Rachel aprende com os conflitos que ela encontra em sua relação com Borne, cuidar não é sempre uma tarefa agradável, contudo, é uma prática necessária naquele universo devastado – embora não totalmente derrotado – da narrativa. E abandonar a criatura a sua própria sorte quando ela se encontra em um formato inofensivo não parece ético para Rachel. Sobre essas possibilidades de coabitar, Haraway comenta:

Coabitar não é sinônimo de fofura e sentimentalismo. Espécies companheiras não são camaradas prontos para discussões anarquistas do início do século XX no Greenwich Village. O relacionamento é multiforme, perigoso, não terminado, permeado de consequências” (HARAWAY, 2021, p. 40)

Na narrativa ainda existem momentos de medo, separações e o monstro ainda é visto como uma possível ameaça. Mas apesar disso, a relação entre a narradora e a criatura faz com que Borne se torne um aliado naquela cidade em ruínas. No romance, humanos e não humanos não carregam em si o peso da oposição binária “bom” e “mau” que surge nas narrativas clássicas sobre monstros. Fica evidente desde o início que todos personagens podem ser bons, ruins, apresentarem empatia ou serem cruéis em determinados momentos. O único verdadeiro monstro da história parece ser o excepcionalismo humano que causou a morte dos pais de Rachel, as ruínas da cidade e as condições precárias de vida. O que resta para os personagens de VanderMeer é apenas aprender a viver – e morrer – bem no Antropoceno, algo que Rachel parece perceber quando estabelece alianças com esses seres não humanos. De certa forma, eles incorporam o lema de Haraway (2016) de “permanecer com o problema” ao escolherem cuidar uns dos outros e coabitar.

As discussões sobre quem é humano e quem não é, da forma como surgem em obras como *Do Androids Dream of Electric Sheep?* (1968), de Philip K. Dick, e no filme de Ridley Scott inspirado na obra, onde temos o famoso slogan “mais humanos que os humanos” [*More Human Than Human*], não são mais relevantes no universo de VanderMeer. Mord já havia sido humano, no entanto, é menos humano que Borne, e nenhum personagem estranha essa característica. Ter sido criado por Rachel faz com que Borne incorpore os valores e conhecimentos dela – e inclusive repita ao longo do romance algumas vezes a frase “eu sou uma pessoa” (VANDERMEER, 2017, p. 183), assim como Rachel irá repetir sobre Wick: “ele é uma pessoa” (VANDERMEER, 2017, p. 315), após descobrir que ele, assim como Borne, também era um produto da Companhia. Em *Borne*, não existe uma tensão entre saber quem é humano e quem não é, como existia em Dick, pois Rachel demonstra que são as práticas e escolhas diárias de todos que irão determinar isso.

Desta maneira, no romance de VanderMeer, o que parece, de fato, relevante são as possibilidades de formar alianças

entre humanos e não humanos e as tentativas de cuidar dos mundos que eles querem preservar. A permanência na Terra provavelmente não será fácil para eles, afinal, eles não foram privilegiados a ponto de poderem deixar aquela cidade em ruínas, como fica implícito que os responsáveis pela Companhia fizeram. As possibilidades de sobrevivência não são iguais para todos e nada indica que o futuro de Rachel será mais fácil sem Mord. No entanto, eles podem continuar, e essa reflexão que surge no romance de VanderMeer, lembra em muito o que Haraway diz em “The Promises of Monsters”, sobre o fato de que “[n]ão é de um ‘final feliz’ que precisamos, mas de um ‘não-fim’” (HARAWAY, 1992, p. 327). Enquanto a tempestade cai sobre a cidade após a derrota de Mord e renova um pouco do ambiente, Rachel mantém sua aliança multiespécie com as criaturas que habitam aquele lugar, sugerindo que uma recuperação ainda parece possível.

Assim, a criatura adotada por Rachel parece mostrar a ela que a natureza e os não humanos podem assumir outras formas, se adaptarem, se transformarem, sem que necessariamente isso indique um fim. Em última análise, ele sugere que o mundo provavelmente irá continuar, mesmo que os humanos venham deixar de existir algum dia. Fazer mundos, no contexto da obra, é se abrir aos outros – humanos e não humanos –, é prestar atenção nas necessidades dos outros em vez de desviar o olhar, é pensar não apenas em termos de fim, mas em formas de continuar, de manter vivo o que existe, de adaptação. *Borne* mostra que relações de saber e pensamento requerem cuidado e, sem ele, não existe a continuidade, pois, como Haraway defende, “importam quais pensamentos pensam pensamentos. Importam quais conhecimentos conhecem conhecimento. Importam quais relações relacionam relações. Importam quais mundos mundeiam mundos. Importam quais histórias contam histórias” (2016, p. 35).

Anna Tsing, nesse sentido, também dialoga com *Borne* quando especula sobre os cogumelos matsutakes e sua sobrevivência em ambientes devastados. Para ela: “nós estamos presos com o problema de viver, apesar da destruição econômica

e ecológica” (TSING, 2015, p.15) e as possibilidades de vida nas ruínas que ela percebe a partir dos cogumelos mostram uma alternativa pautada no estabelecimento de alianças, indicando que não precisamos mais aceitar as histórias de progresso e destruição que não nos ajudam em nada a pensar sobre sobrevivência colaborativa. Tsing, assim com Haraway e, de certa forma também de uma maneira semelhante a Bellacasa e a *Borne*, tece narrativas especulativas sobre colaboração e possibilidades de vida no Antropoceno. Para ela “[a] ruína nos encara com o horror do seu abandono. Não é fácil saber como fazer vida, muito menos como evitar a destruição planetária. Por sorte, ainda existe companhia, humana e não humana.” (TSING, 2015, p. 282). E criar histórias como a de VanderMeer que especulam sobre continuidade e, por conseguinte, sobre o cuidado, parece ser uma necessidade em tempos precários como os nossos.

Rachel, no final da narrativa diz: “estamos sozinhos agora, nós [se referindo a ela e Wick] e os monstros, que são tanto parte da história como estão sempre presentes com a gente” (VANDERMEER 2018, p. 318). Com a responsabilidade de permanecer e cuidar do seu mundo – se ele será melhor ou não que o da Companhia, não sabemos –, Rachel aceita as mudanças, abraça as relações entre humanos e não humanos e ensina tudo que é “útil e esperançoso” a Teems. O menino, que se vê como filho adotivo de Rachel, por sua vez, irá reconhecer que para reivindicar o seu mundo ele deve conhecê-lo melhor (VANDERMEER, 2018, p. 327) e, assim, cria um bestiário, onde documenta todas as novas espécies de plantas, animais e pedaços de biotecnologia que surgem e vagam pela cidade sem nome e ainda em ruínas, mas agora com dois monstros a menos lutando pelo poder. Teems aprende não apenas a linguagem, a importância de criar alianças e de conviver com os monstros daquele universo com Rachel, mas também a importância de imaginar outros futuros possíveis, de especular, fabular e pensar. Ele entende a importância da continuidade criando um bestiário que pode ser passado adiante, como Rachel fez com seus conhecimentos e, com isso, compreende a importância do cuidado para a construção de outros mundos.

Desta maneira, Rachel parece ter ensinado a ele que o cuidado não é apenas uma prática política ou pessoal, mas existencial. As soluções para eles continuarem vivos naquele universo estão atreladas às práticas afetivas – que, a princípio, partem de Rachel – de se conectar com os outros seres e estabelecer relações de aprendizado. Por isso ela insiste tanto em passar seus conhecimentos para Borne e para Teems, que ela trata como se fossem filhos. As alianças que ela cria expõem um exercício de pensar-com, de perceber que os humanos são só uma parte do todo e que os monstros daquele universo não precisam ser os Outros, mas podem ser aliados, parte de uma grande família. Se o mundo a partir dessas mudanças propostas será melhor não importa – embora ele pareça ser, uma vez que após a morte de Mord e da chuva que parece lavar a cidade, Rachel avisa que “o rio não é mais poluído como costumava ser” (VANDERMEER, 2017, p. 323). Mais importante que soluções é saber que aquele mundo não precisa acabar, e o bestiário de Teems, no final do livro, sugere que ainda existem outras possibilidades de vida.

REFERÊNCIAS

ASMA, Stephen. *On Monsters: an unnatural history of our worst fears*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

BELLACASA, Maria Puig de la. ‘Nothing comes without its world’: thinking with care. *The Sociological Review*, n. 60:2, p. 197-216, 2012.

BELLACASA, M. *Matters of Care: Speculative Ethics in More Than Human Worlds*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

CHAKRABARTY, Dipesh. The Climate of History: Four theses. *Critical Inquiry*, v. 35, p. 197-222, [Winter] 2009.

CRIST, Eileen. On the Poverty of Our Nomenclature. *Environmental Humanities*, v. 3, 2013, p. 129-147.

CRUTZEN, Paul; STOERMER, Eugene F. The “Anthropocene”. *Global Change Newsletter*, n. 41, p. 17-18, 2000.

HARAWAY, Donna. Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making Kin. *Environmental Humanities*, v. 6, p. 159-165, 2015.

HARAWAY, D. *Manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, D. "The Promises of Monsters: A Regenerative Politics for Inappropriate/d Others". In: GROSSBER, L.; NELSON, C.; TREICHLER, P. *Cultural Studies*. New York: Routledge, Taylor & Francis Inc, 1992.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, p. 07-41, 1995.

LATOURE, Bruno. Love Your Monsters. (2012) Disponível em: <https://thebreakthrough.org/journal/issue-2/love-your-monsters> Acesso em: 20 ago. 2021.

MALM, Andreas. *Fossil Capital: The Rise of Steam Power and the Roots of Global Warming*. London: Verso, 2016.

MOORE, Jason W. Anthropocene or Capitalocene? Nature, History, and the Crisis of Capitalism. *Sociology Faculty Scholarship*, n. 1, 2016.

POOLE, Scott W. *Monsters in America: our historical obsession with the hideous and the haunting*. Texas: Baylor University Press, 2018.

TSING, Anna L. *The Mushroom at the End of the World: On the possibility of life in capitalist ruins*. New Jersey: Princeton University Press, 2015.

VANDERMEER, Jeff. *Borne*. New York: MCD Farrar, Straus and Giroux, 2018.

YUSOFF, Kathryn. *A Billion Black Anthropocenes or None*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2018.

ZALASIEWICZ, Jan et al. The Anthropocene: a new epoch of geological time?. *Philosophical Transactions of The Royal Society*, v. 369, p. 835-841, 2011.